

SENNÁ, Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de. “Um número no Lager: Um estudo sobre a literatura da Shoah”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 40, pp. 108-115, abril de 2015. ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## Um número no Lager

### Um estudo sobre a literatura da Shoah

*Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de Senna*

Recebido: 08.08.2014

Aprovado: 09.10.2014

**Resumo:** O presente artigo é parte de uma pesquisa de doutorado que está sendo realizada, sobre a literatura da Shoah (para alguns, literatura do Holocausto). Foram selecionados alguns relatos para um primeiro momento: os de Primo Levi e Chil Rajchman, sobreviventes de Auschwitz e Treblinka, respectivamente. A leitura é feita sob a luz do pensamento Benjaminiano, tendo como referência a discussão de Georg Otte sobre os conceitos de citação e rememoração, de Walter Benjamin. O ponto em discussão na leitura apresentado no artigo é o significado do nome/alma para o judeu, sob o prisma do judaísmo chassídico e no que isso implica quando se trata do número atribuído aos prisioneiros no Lager. **Palavras-chave:** literatura da Shoah, sobreviventes de Auschwitz e Treblinka, Walter Benjamin, pensamento chassídico, sociologia

O que significou para o judeu a substituição do nome pelo número no Lager? Com uma pergunta aparentemente simplória, pretende-se adentrar no significado do nome e a alma e sua relação, no contexto do judaísmo – olhando em especial para o movimento chassídico; trilhando, para isso, o caminho que levou alguns sobreviventes do gueto aos campos de concentração e, pensar sociologicamente como se operou essa fragmentação do ponto de vista do indivíduo.

A primeira leitura consultada, de um texto referente à literatura da Shoah, foi *O pianista* de Wladislaw Szpilman (2008). Em seguida, o texto de Chil Rajchman *Treblinka: Eu sou o último judeu* (2010). Esses livros e alguns artigos levaram aos textos de Primo

Levi *Se isto é um homem*, *Os afogados e os sobreviventes* e *A trégua*, mais tarde também aos quadrinhos de Art Spiegelman, *Maus* (2009). Logo após, vieram outros autores, entre eles Janusz Korczak com *Diário do Gueto*, citado por Szpilman em seu livro.

O autor mobilizado para dissipar um pouco e melhorar a visibilidade – nos primeiros passos - foi Seligmann-Silva (sobre a classificação da literatura). Márcio Seligmann-Silva (2007), em um interessante artigo “Literatura da Shoah no Brasil”, distingue dois grupos dessa literatura, que ele chamou de primária e secundária. Entre os que sobreviveram e os que contam os relatos dos sobreviventes, ele classifica os estilos principais: relatos e narrativas com teor literário. Aquelas se detêm em descre-

ver os fatos, sem se preocupar com um estilo ou mesmo com alguma ordem cronológica, havendo mesmo muitas repetições; o segundo procura dar ao relato uma característica literária, a fim de deixar os fatos mais compreensíveis ao leitor.

Entre os livros citados por Seligmann-Silva (2007), preocupações semelhantes às dos relatos selecionados para o projeto, também se fazem presentes. Lembrar aqueles que morreram e honrar sua lembrança através do testemunho é uma delas – é o pedido de muitos que morrem, que aquele fato não seja esquecido. Os sobreviventes escrevem seus relatos, dentre os muitos motivos, para tirar um peso de si, para memória dos que morreram, para que o fato não seja esquecido e não se repita. Este é o caso da literatura primária, ou seja, escrita pelos sobreviventes de próprio punho – e após a Segunda Guerra Mundial.

As narrativas da Shoah trazem algumas questões essenciais. Como usar uma linguagem que favoreça um entendimento mútuo, que seja inteligível para aqueles que não vivenciaram aquela situação fora do comum? Como imaginar o inimaginável? Narrar seria admitir a realidade daquilo que parecia irreal, quando vivido. Como diz Márcio Seligmann-Silva (2008): “Veremos que o testemunho de certo modo só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade” (p.67). E mais: “O trauma encontra na imaginação um meio para a sua narração.” (p. 70).

Segundo Primo Levi (2010b) ao se verem livres, eles estavam afoitos para contar às pessoas o que havia ocorrido. Entretanto, ressalta que aquele pesadelo tão recorrente no cativeiro, era agora confrontado: as pessoas não queriam ouvir. Uma situação em que o próprio narrador questiona-se da veracidade de seu testemunho. É um dos motivos pelo qual o trabalho de Levi é bastante estudado. Em *Os afogados e os*

*sobreviventes* (2004), ele admite que muita coisa pode rever, desde o seu primeiro livro *Se isto é um homem* (2010), memórias que o *Lager* havia acinzentado.

Primo Levi fala de uma necessidade de falar, de narrar, de exteriorizar suas memórias, como uma forma de exorcizar o seu passado. Mas, como diz Seligmann-Silva “Na situação testemunhal o tempo passado é o tempo presente [...] Mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.” (2008, p. 69). Silenciar seria a melhor opção? Esquecer é superar, deixar para trás? Para este autor, não seria o caso:

A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterados. Conquistar essa nova dimensão equivale a conseguir sair da posição de sobrevivente e voltar à vida. (Seligmann-Silva, 2008, p.69)

Entretanto, ao contrário das preocupações de Levi em entender o que foi o Lager<sup>1</sup>, a maioria dos textos que tive contato até o presente momento apontam apenas para uma atitude de ‘desabafo’. É o caso de Chil Rajchman (2010). Os sobreviventes apenas pretendem compartilhar suas experiências para que ‘isso não se repita’ – que aparece com bastante frequência, e que lembra a expressão de Theodor Adorno: “para que Auschwitz não se repita” (2003). Levi não se conforma em apenas contar, ele analisa, questiona, argumenta. É dele o desabafo em “Se isto é um homem” (2010):

Já nada nos pertence: tiraram-nos a roupa, os sapatos, até os cabelos; se falarmos não nos escutarão, e se nos

<sup>1</sup>Lager (Konzentrationslager) será utilizado ao longo do texto desse projeto para fazer jus à literatura de Primo Levi – pois, não sei se por causa da tradução, a expressão não aparece no livro de Chil Rajchman e nem do de Art Spiegelman.

escutassem não nos perceberiam. Tirar-nos-ão também o nome: se quisermos conservá-lo, teremos de encontrar dentro de nós a força para o fazer, fazer com que, por trás do nome, algo de nós, de nós tal como éramos, ainda sobreviva. (p. 25-6)

A narração de Vladek Spiegelman no livro publicado em 1987 por Art Spiegelman, sob o título “Maus” (2009), possui um trecho significativo para citar aqui, por estar relacionado à questão do nome e número: enquanto chora, sentando a um canto, Vladek é abordado por outro prisioneiro, um padre. O padre pede para ver o número em seu braço: 175. 113 e lhe faz observações: começa com dezessete e é um ótimo presságio; acaba com treze, quando os meninos judeus se tornam homens, e, a soma dá dezoito, que em hebraico é “Chai”, que quer dizer vida. O padre não tinha certeza quanto a si mesmo, mas Vladek certamente sairia vivo dali. A partir de então, sempre que passava por dificuldades no *Lager*, Vladek olhava para o número e sentia-se animado. O número adquire um significado específico: é uma promessa de vida (p.118).

Em todas as narrativas utilizadas na construção desse projeto, há uma preocupação dos autores com a numeração dos prisioneiros. É um incômodo que aparenta ser maior para uns do que para outros. E não é apenas um motivo de eficiência administrativa – como pode ser visto no texto de Edwin Black (2001), ou um plano maquiavélico para desumanizar os prisioneiros (Levi, 2010). É algo muito mais profundo, como aparece na citação de Primo Levi. A partir dessas narrativas, no que diz respeito à substituição do nome por um número nos campos de concentração, pode-se elaborar uma compreensão? Ou mais especificamente: o que significou para esse sobrevivente judeu a imposição desse número?

E mais: qual a importância do próprio nome para o judeu? É preciso

entrar um pouco no que diz o judaísmo sobre a alma e os ritos relacionados à atribuição dos nomes. Em alguns relatos já observados, a numeração dos prisioneiros em detrimento do uso do nome é vista como uma ofensa à alma, à individualidade da pessoa. Entendendo ainda, que o judeu que não se apresenta como religioso é conhecedor do judaísmo. O religioso citado aqui é aquele que se ocupa em seguir todos os ritos judaicos.

No contexto do *Lager*, a capacidade de compreensão de Primo Levi identifica uma lógica própria do sistema, admitindo não se tratar de um absurdo, de uma irracionalidade. Entretanto, a sensação ainda é de que tudo foi um pesadelo. Nas palavras de Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo* (2000):

Não há paralelos para comparar com algo a vida nos campos de concentração. O seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela imaginação justamente por situar-se fora da vida e da morte. Jamais pode ser inteiramente narrado, justamente porque o sobrevivente retorna ao mundo dos vivos, o que lhe torna impossível acreditar completamente em suas experiências passadas. (p.494)

Entretanto, com suas devidas reservas, como nos mostra Arendt:

Como instituição, o campo de concentração não foi criado em nome da produtividade; a única função econômica permanente do campo é o financiamento dos seus próprios supervisores; assim, do ponto de vista econômico, os campos de concentração existem principalmente para si mesmos. (idem, p.495)

Há também a questão religiosa que alguns apontam, e, uma, em especial, que se destaca inicialmente como o centro do projeto inicial: o nome para o judeu. Em que a substituição do nome pelo número afetou o judeu nos campos de extermínio nazistas? O que significa “ser humano”? Ser indivíduo, pertencer a Israel? – estas perguntas se agregam,

quando muitos deixam de acreditar no Deus de Israel, o que aparece em muitos relatos.

A reza pelos mortos possui algumas regras específicas, entre elas a citação do nome do falecido no serviço religioso na Sinagoga, e o morticínio em massa nos campos de extermínio coloca em ameaça a identificação dos mortos, em que a recuperação do nome e local de morte ou sepultamento das vítimas torna-se quase impossível. A reza pela alma dos parentes falecidos torna-se praticamente inviável. Na *Shoah*, milhares de judeus foram para valas comuns – e, antes disso, tiveram seus nomes e identidades suprimidos.

Nachman Falbel (2001), em seu livro *Kiddush HaShem: crônicas hebraicas sobre as cruzadas*, também analisa, resumidamente, essa questão do nome no Holocausto e diz que, para os judeus: “o desejo de lutar contra a morte anônima, a morte sem “nome”, permanece como um elemento de longa duração em sua história” (Falbel, 2001, p.19). E como aconteceu na Idade Média, as carroças carregadas de corpos para ser enterradas em valas comuns, também foi uma imagem recorrente na *Shoah*. O que me faz lembrar a observação de Primo Levi, no início do seu livro “Se isto é um Homem”: “A história dos campos de extermínio deveria ser interpretada por todos como um sinal sinistro de perigo.” (2010, p.09).

Neste segundo momento, a intenção é adentrar aos relatos, percorrendo com estes as questões propriamente ditas. Sua formatação ainda está sendo pensada, mas a ideia inicial é promover um diálogo intertextos a partir de citações com base nos temas a ser discutidos na tese. Walter Benjamin (2012) apresenta algumas concepções que se mostram interessantes para essa reflexão. Como a preocupação era pensar a questão da história oficial, e, para além desta, como os relatos fazem parte

(ou, possam fazer parte) de uma história da Shoah.

Afinal não existe uma história única, mas várias – e, como foi dito anteriormente, como grupo (s) os judeus contam suas próprias visões do fato (eu diria mesmo, dos fatos). Os relatos são partes constituintes de histórias, de um mesmo período cronológico, localizadas nas circunvizinhanças uns dos outros. Diz Benjamin: “Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi”. Significa apoderar-se de uma recordação (*Erinnerung*) quando ele surge como um clarão num momento de perigo.” (2012, p. 11). São estes momentos que interessam nesse momento, o momento do clarão.

Para isso, é preciso pensar os relatos com um conceito de história e abri-los em paralelo, deixar que falem por si, para, juntamente com a teoria, pensar os fios de Ariadne que ligam essas histórias. Pois, elas estão interligadas não só por versarem sobre a Shoah enquanto acontecimento culminante de um planejamento estratégico da Alemanha Nazista. É preciso pensar o que os liga, seja nas questões que discutem sejam religiosas, as próprias angústias humanas, o sentimento de pertencer a essa humanidade. E como diz Benjamin: “O cronista, que narra os acontecimentos em cadeia, sem distinguir entre grandes e pequenos, faz jus à verdade, na medida em que nada de que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história.” (2004, p.10)

### Os fios de Ariadne

O presente artigo encontra-se em um momento de busca por um estilo discursivo-analítico para a construção da tese de doutorado. Para a escrita deste texto, tem-se em mente a discussão de Georg Otte (1996), sobre citação e rememoração em Walter Benjamin<sup>2</sup>. O

<sup>2</sup>Algumas discussões realizadas no âmbito das disciplinas na academia, trouxeram uma preocupação latente para a incorporação no projeto

que se propõe não é retirar significados e explicações, mas, fazer uma nova leitura que remeta a um aprofundamento sobre as questões referente à alma e o nome no judaísmo.

Do ponto de vista de uma leitura baseada na fenomenologia bachelardiana, pode-se realizar um exercício que proponha uma compreensão dos elementos significativos das narrativas. Repercussão e Ressonância, apresentados por Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (2008) é um par conceitual que dá conta desse aspecto, considerando a leitura do pesquisador; não significa um “entrar na mente do outro”, mas enxergar o que é significativo para aquele que lê. Por isso a repercussão é o que desce às profundezas (do leitor) e as ressonâncias refletem em vários aspectos da consciência (daquele que lê).

Ao ter em mente que parte-se de um lugar específico do presente, tanto deles, os autores, quanto do pesquisador, é mister a construção de um meio para realizar tal análise. Assim, é que o desafio proposto na disciplina supracitada retira do comodismo e do adiamento o pesquisador em questão e a elaboração inevitavelmente necessária desse instrumento de estudo.

Segundo Otte (1996), em suas teses sobre a história, Benjamin aponta que “Citar é rememorar o passado a partir do ponto de vista específico de um determinado presente” (p. 211). Assumindo, assim, uma posição em relação a um passado que não é apenas um fato numa linha cronológica, mas também é espaço, olhar para trás a partir do presente, com uma visão específica determinada pelo esforço da construção do objeto de pesquisa.

---

de pesquisa, que é o cuidado de não produzir um “explicacionismo” dos relatos – que seria, dentro dos avanços atuais, dizer que na religião judaica (no Chassidismo, especificamente), estão as justificativas para as preocupações dos sobreviventes.

*A Eingedenken* significa “um lembrar”. Mas não se trata de um lembrar qualquer, ela carrega consigo uma ideia bem específica sobre tempo, sobre presente e passado. É reanimar o passado relacionando-o ao presente. E como esta poderia estar relacionada à citação? Porque a visão do passado se apresenta de acordo com uma visão do presente. É um olhar para trás, de um lugar bem definido.

Contrariando as aparências, a rememoração não é um procedimento conservador no sentido de uma preservação do passado, uma vez que não existe um ‘passado em si’, mas apenas um passado visto com os olhos do presente. (Otte, 1996, p.214)

Uma citação se apresenta como um momento e ela surge por estar relacionada o texto não de forma explícita. A citação perfeita é aquela que produz um choque, que parece produzir uma ruptura no correr do texto, mas, ao levar o leitor até a fonte original, há então uma revelação das ligações entre ambos. Entretanto, “a citação não se limita à repetição literal de algum fragmento, mas ‘chama’, via metonímia, todo o texto de origem do qual foi extraído” (p.218), não sendo necessária uma reconstrução do texto de origem. Assemelha-se muito ao estilo utilizado por Bachelard, (o chamado “Bachelard noturno”) em suas obras sobre os devaneios poéticos. Ele apresenta pequenos trechos dos poemas ao discorrer e apresentar suas imagens poéticas, não apresentando, para isso, o poema por completo.

Não que os relatos serão tratados como poemas, mas como fragmentos do passado, mas a metodologia bachelardiana aponta para esse elemento de imobilização, pensado em Walter Benjamin. Encontrar o significado não implica numa construção ou reconstrução dos fatos de forma linear, mas que possuam significado em si – em cada construção, de cada fato. A citação seria

o momento de imobilização dessa idéia, fazendo com que este tome fôlego, uma força significativa, ampliando-se á luz da consciência presente. Uma explosão do *continuum* (Otte, 2010, p. 50).

Assim, os fios que ligam os relatos, estão sendo ligados, lentamente. Primo Levi diz, em *Se isto é um homem*:

Já nada nos pertence: tiraram-nos a roupa, os sapatos, até os cabelos; se falarmos não nos escutarão, e se nos escutassem não nos perceberiam. Tirar-nos-ão também o nome: se quisermos conservá-lo, teremos de encontrar dentro de nós a força para o fazer, fazer com que, por trás do nome, algo de nós, de nós tal como éramos, ainda sobreviva. (2010, p. 25-6)

Mas, qual a importância desse nome? Que se conservado há de manter o indivíduo ancorado, seguro de si mesmo? Seria o nome aquilo que liga o judeu ao Israel de Deus, que diz quem ele é, de onde veio, que designa seu futuro enquanto futuro de Israel. A sua personalidade anteriormente definida pela força do nome escolhido pelos pais, sob a inspiração divina, diz o Rabino Zushe Wilhelm (2009). O nome que recebeu, é registrado pertencendo eternamente a essa pessoa.

Existem raras exceções em que o nome pode ser modificado, como é o caso de uma doença grave, com o risco de morte. Um nome é acrescentado ao original, o que implica uma “espécie de mudança de identidade do paciente” (Wilhelm, 2009, p. X). Os filhos podem receber os nomes de parentes já falecidos<sup>3</sup>, mas alguns costumes impedem de que os filhos recebam nomes de parentes vivos – o que diminuiria o tempo de vida destes.

O rabino Zushe Wilhelm (2009) ainda acrescenta:

<sup>3</sup>Um costume de judeus Ashkenazi. São duas orientações das tradições: Ashkenazi e Sefaradi, que estão relacionadas às origens europeia e oriental, respectivamente.

Os *sefarim* sagrados afirmam que o nome pelo qual a pessoa é chamada constitui sua alma e sua força vital. Isso significa que, enquanto reside no corpo a alma infunde vida nele por meio do nome, ou seja, mediante uma combinação correta das letras do nome. (p.XI)

Existem longas explicações sobre a importância mística do nome judaico, especialmente no *Tanya*. O que não caberia aqui, evidentemente<sup>4</sup>. Pode-se observar, entretanto, que se trata de um elemento fundamental dentro do universo simbólico do judaísmo, pois, quando se trata da pessoa, “O nome pelo qual ela é chamada é o recipiente que contém a força vital condensada inerente às letras do nome” (idem, p.XI).

O nome é, também por esse motivo, fundamental nos rituais fúnebres. O *Kaddish* deve ser rezado referindo-se ao nome dos falecidos. Seus nomes são citados nos serviços das sinagogas e as preces são realizadas<sup>5</sup>.

Mas, por que rezar o *Kaddish*? Chil Rajchman (2010):

A quem se dirige sua prece? Ainda crêem? Em quê? A quem agradecem por isso? Vocês louvam o Senhor por Sua clemência, vocês O louvam por lhes terem tomado irmãos e irmãs, pais e mães. (2010, p.47)

Louvar a Deus pela morte dos entes queridos? Agradecer ao Eterno pelas agruras de ser roubado, espoliado, agredido? Agradecer mesmo sem poder realizar os rituais fúnebres, sem poder enterrar de forma digna os seus mortos. Ver os corpos serem cremados, sendo isso proibido pela Lei<sup>6</sup>, quando os cor-

<sup>4</sup>E com as quais também não estou familiarizada.

<sup>5</sup>O que parece é que se faz necessário acrescentar uma reflexão sobre os ritos fúnebres no judaísmo. E, igualmente, o que se diz sobre o destino da alma. Sobre isso, existem boas informações, mas incipientes, no livro de Alfred Kolatch “O livro judaico dos Porquês”.

<sup>6</sup>Lei rabínica.

pos deveriam retornar à terra de forma natural (Kolatch, 2001, p.53).

Pouco a pouco o silêncio prevalece, e então, da minha cama, no terceiro andar, vê-se e ouve-se que o velho Kuhn reza, em voz alta, com o boné na cabeça e abanando o corpo com violência. Kuhn agradece a Deus por não ter sido escolhido (...). Se eu fosse Deus, cuspiria para o chão a oração de Kuhn. (Levi, 2010, pp.133-4)

Ficamos de pé, curvados e cinzentos... (idem, p.153)

### **Bibliografia**

- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: *Educação e Emancipação*. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. IN: *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BLACK, Edwin. *IBM e o Holocausto*. 2ed. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2001.
- FALBEL, Nachman. *Kidush HaShem: crônicas hebraicas sobre as Cruzadas*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 31ed. São Leopoldo, Sinodal; Petrópolis, Vozes, 2008.
- KOLATCH, Alfred J. *Livro judaico dos porquês*. 3ed. Vol. 1. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.
- KORCZAK, Janusz. *Diário do Gueto*. São Paulo: Perspectiva (Coleção ELOS – 44), 1986.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2ed. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- LEVI, Primo. *Se isto é um Homem*. 8ed. Lisboa, Editorial Teorema, 2010a.
- LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010b.
- OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*, v.4, p. 211-223, Outubro, 1996.
- OTTE, Georg. Natureza e História em Walter Benjamin. *Revista eletrônica Literatura e Autoritarismo*. Pp. 40-51, 2010.
- RAJCHMAN, Chil. *Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Auschwitz: história e memória. *Revista Proposições*, v. 01, nº 05 (32), p. 78-87, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista de Psicologia Clínica*, vol. 20, n.1, p. 65-82, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura – o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Revista Proj. História*, (30), p. 71-98, Junho de 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura da Shoah no Brasil. Arquivo Maaravi. *Revista de Estudos Judaicos da UFMG*, v.1, n 1, outubro, 2007.
- RABINOWICZ, Harry. *Chassidismo, o Movimento e seus mestres*. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1990.

SPIEGELMAN, Art, *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SZPILMAN, Wladyslaw. *O Pianista*. 2ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

TAVARES, Enéias Farias. Literatura de testemunho no primeiro volume de

*Maus*, de Art Spiegelman: a impossibilidade da narrativa factual. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, n. 14, Julho-Dez de 2009.

WILHELM, Rabino. *Nomes*. Tradução de Claudia Caon. São Paulo: Editora Lubavitch. (*Ziv HaShemot*), 2009.

**Abstract:** The following study constitutes the preliminary results of an ongoing doctoral research on the literature of the Shoah ("Holocaust Literature", for some). Some witness narratives/reports were, at first, selected: Primo Levi's and Chil Rajchman's, survivals of Auschwitz and Treblinka, respectively. The texts are read in the light of the Benjaminian thought and Georg Otte's discussion on the concepts of citation and remembering coined by Walter Benjamin. The main argument in the following readings is the meaning of name/soul for the Jewish people, in the Hasidic perspective, and what the number assigned to each prisoner in Lager implies. **Keywords:** literature of the Shoah, survivals of Auschwitz and Treblinka, Walter Benjamin, thought Hasidic, sociology

